

2

ANTONIO CARLOS SEIFFERT

(*)

**APRENDE - SE
A ESCREVER
ESCREVENDO,
ESCREVENDO,
ESCREVENDO....**

ABSTRACT - One Learns to Write by Writing, Writing, Writing...

The ability to write about a particular matter is straightly connected with the knowledge we have about it. From this recognition the author asserts that the teaching of composition must be specially based on the encouragement given to the student so that he makes use of the possibilities that the language can offer him as far as expression is concerned, putting aside the problem of grammar correction of the statements. Encouraged to write, the student also acquires the satisfaction for reading and, of course, he comes to dominate the grammar structures, making the teacher's work easier and allowing the pupil to write in a correct way.

A facilidade para escrever sobre um determinado assunto está diretamente relacionada com o conhecimento que dele possuímos. A partir dessa constatação o autor sustenta que o ensino de redação deve basear-se

* Licenciado em Letras pela FFCL/Sorocaba. Professor de Português, nível III, efetivo no magistério oficial do Estado de São Paulo, na EEPG "Armando Rizzo", em Votorantim. Mestrando em Comunicação e Semiótica na PUC-SP.

predominantemente no estímulo ao estudante para que explore as possibilidades que a língua lhe oferece em termos de expressão, deixando num segundo plano a preocupação com a correção gramatical das frases. Estimulado a escrever, o estudante acaba tomando gosto também pela leitura e, naturalmente, termina por dominar as estruturas gramaticais, facilitando sobremaneira a tarefa do professor de, num segundo momento, levá-lo a exprimir-se com correção.

Para o ensino da redação — para fazer com que as pessoas percam a inibição, descubram e explorem as possibilidades que a língua escrita oferece, em termos de expressão de sentimentos e idéias — é preciso que o professor encontre uma forma capaz de fazer com que o aluno interiorize sua imaginação; pois é mais fácil escrever sobre algo que conhecemos. Vou encontrar mais facilidade para escrever sobre a saudade que sinto da minha filha do que sobre computadores eletrônicos.

Isso é o que eu acho e o que eu acho é o resultado de leitura de textos de autores que possuem uma visão bem aberta em relação aos problemas da língua; de um pouco de intuição e de muito de experiência adquirida no contato com manifestações populares: música popular; poesia; papos com pessoas consideradas "incultas" (só porque não tiveram uma formação acadêmica) mas que demonstram muita riqueza expressiva ao falar e leitura de textos de autores que nunca foram ao colégio, como Nelson Cavquinho, Cartola, Ismael Silva e Adoniram Barbosa, entre outros.

É claro que para que isso ocorra, o professor não pode estar excessivamente preo-

cupado com "erros", e muito menos transferir essa preocupação para cima do aluno. Ora, num exame mais rigoroso, vamos constatar que o maior número de "erros" não são relevantes no nível da competência linguística, mas foram assim considerados por desobedecerem às normas (que são criadas a partir de construções consideradas melhores). Acontece que não há nada de concreto que indique ser um padrão melhor do que outro, portanto não adianta pretender eliminar, através de cansativas explicações de regrinhas, as frases "incorretas" dos alunos, substituindo-as pelas "legítimas". É na prática, com a disposição de escrever sem medo de "errar", que o aluno vai conquistando um melhor desempenho. Aliás, esse processo já ocorre com a língua oral: de tanto ouvir e querer falar, a criança acaba falando, de acordo, é claro, com o padrão de sua família, de seu meio.

O importante é que o aluno esteja estimulado para escrever, contar suas histórias, suas aventuras; que tome gosto pelo ato de escrever. Daí ao gosto pela leitura de textos — que também contam aventuras parecidas com aquelas que ele criou — é um pulo. Aí está uma importante tarefa para o professor: orientar as leituras, propondo bons textos, promovendo debates e divulgando a boa música popular brasileira. Essas atividades vão ajudar o aluno a melhorar seu desempenho linguístico e, ao mesmo tempo, a ampliar sua cultura; o que é muito importante, pois sem cultura é difícil encontrar conteúdo e sem este não há forma mágica capaz de construir um bom texto.

O aluno, através da leitura de textos que obedecem à norma culta, vai, aos pou-

cos, substituindo os padrões. É só uma ques
tão de tempo.

Agora, se o professor ficar preso às normas, apontando uma grande quantidade de "erros" num texto de vinte linhas, por exemplo, vai inibir o aluno; vai alimentar o pessimismo que, infelizmente, já é comum em muitas pessoas: "Ah, eu não consigo escrever; eu não gosto de escrever".

O leitor deve estar pensando: "então vamos permitir que os "erros" se repitam?"

Bem, já defendi a opinião de que, bem estimulado, o aluno vai encontrar prazer em redigir e, de tanto escrever, vai querer ler. Lendo bons textos, ele se corrige.

Além disso, o professor poderá observar os "erros" mais constantes e procurar exercícios estruturais para tentar modificar os padrões. Por exemplo (para superar erros de concordância)-:

Pedro foi ao cinema; Maria foi ao cinema.

Pedro e Maria foram ao cinema.

Márcia chegou sábado; Pedro chegou sábado..

O desenvolvimento da capacidade de soltar a imaginação e a conquista da desinibição (as duas estão ligadíssimas) formam uma das partes do treinamento que vai ensinar o aluno a redigir. A outra consiste no conhecimento de algumas técnicas (frase, período, parágrafo, descrição, narração, dissertação, pontuação, etc.) que permitam que o aluno vá sistematizando adequadamente os resultados obtidos na primeira fase (desinibição).

Ao realizar essa segunda parte do treinamento, é importante partir sempre de situações concretas e, por isso, o professor deve se transformar (se já não é) num ator.

Para o aluno é mais fácil descrever (numa frase) uma cena real. Então, o professor deve representar a cena para o aluno descrever. Depois, ao corrigir na lousa, o professor mostra as possibilidades de enriquecer a frase, acrescentando detalhes.

Da frase simples para a frase enriquecida; desta para outras frases, períodos, até chegarmos ao parágrafo. Daí para a descrição, narração e dissertação. O processo é longo e o objetivo deste artigo não é descrevê-lo minuciosamente.

Quero apenas acrescentar que esse método do professor/ator foi criado por um grupo de professores (Myrna E. Athalla Senise da Silva, Ilze Helena Arruda Alves de Lima, Wlademir dos Santos e eu) e está sendo aplicado na OSE - Organização Sorocabana de Ensino, desde 1978, onde, evidentemente, deve estar sendo aperfeiçoado com a experiência dos professores que com ele trabalham.

Ficam aí duas idéias, dois planos de trabalho: um experimentado só por mim (o "desinibidor"); outro elaborado e experimentado por um grupo.

De quinta à oitava série prefiro ficar no "desinibidor", deixando para bater o "técnico" no segundo grau. Os resultados têm sido positivos, apesar das dificuldades (ler todas as redações, o aluno começa a querer escrever todos os dias, etc.). Já li histórias de alunos da oitava série que parecem contos de escritores famosos.

Bem, em linhas gerais são essas as minhas opiniões sobre o ensino de redação. De maneira que os colegas têm aí uma visão para ser analisada, discutida, criticada, enriquecida.